



Rios da Guiné de Cabo Verde que desaguam no Rio de Janeiro

Monica de Oliveira¹

Categoria: Comunicação

Resumo:

Este texto expressa um intercruzamento entre o aprendizado adquirido durante a realização do curso "Rios da Guiné de Cabo Verde", a pesquisa que fiz como requisito final para a conclusão do curso de Mestrado em Música pela Unirio, e algumas memórias que guardo da minha convivência com músicos guineenses e cabo-verdianos durante os anos que morei em Lisboa. Lembranças afetivas, novos saberes e minhas impressões de mulher afrodiáspórica, musicista e educadora, que busca ampliar a compreensão sobre como se estruturou o imenso racismo que molda nossa sociedade, também fazem parte das reflexões do texto. O tema do racismo estrutural é apresentado na mencionada pesquisa de Mestrado, cuja narrativa inicia-se a partir da chegada dos africanos escravizados nas Américas, visando contextualizar um pouco do legado cultural que surgiu a partir desse evento, com a inegável invisibilidade desse mesmo legado em salas de aula de escolas regulares nos dias atuais. Ao longo deste curso, todo um leque sobre um período histórico anterior a esse processo escravizatório, que raramente é estudado na escola, se abriu em minha consciência.

Palavras-chave: Reinos africanos. Educação musical inclusiva. Culturalismo. Justiça social

Green Cape and Guinea's rivers flowing into Rio de Janeiro

Abstract:

This text reflects an interchange between the learning conquered during the course "Rios da Guiné de Cabo Verde", the research I did as a final requirement to conclude my Master Degree in Music at Unirio, and some memories I keep from the years lived in Lisbon. Affective memories, new acknowledges and my impressions as an afrodiasporic woman, music player and teacher that aims to enlarge the ability to understand how the huge racism that shapes our own society was structured, are also part of the text. The structural racism is also part of the mentioned Master research, which begins with the arrival of enslaved Africans in America, aiming to contextualize some of the cultural legacy aroused by this fact, with the undeniable invisibility this same legacy faces in

¹ Mestre em Educação Musical pela Unirio, Treinel de Capoeira Angola do Grupo Ngoma, Saxofonista, Flautista, e Professora do EF / moniavila@gmail.com



classrooms of schools nowadays. During the course, a variety of historic events prior to the slavery, that rarely are studied at school, came into light in my consciousness.

Keywords: African kingdoms. Inclusive musical education. Culturalism. Social justice

Introdução

O ensino da história do continente africano costuma estar ausente dos currículos escolares e é difícil imaginar jovens estudantes conscientes da quantidade de povos, impérios e reinos existentes em África na altura de sua colonização e posterior escravização por povos europeus. Seus habitantes foram forçadamente trazidos para as Américas, entre os séculos XVI e XIX, e muitas teorias que respaldassem tal fato foram criadas. Os afro-americanos sobreviventes e descendentes desse processo de impacto incomensurável, continuam uma batalha aguerrida por igualdade em todo continente americano, e embora o sistema escravocrata esteja extinto por lei desde o século XVII, as dificuldades na implementação de políticas reparatórias persistem até os dias de hoje, e em nosso país somente começaram a ser efetivamente aplicadas no século XXI, com a chegada de Luís Inácio Lula da Silva ao poder, em 2002.

Além dos empecilhos referentes a reparação história, os afro-americanos, assim como os habitantes originários das Américas, sofrem um constante apagamento de sua cultura. Jessé Souza (2017) conceituou esse processo como culturalismo, e afirmou que ele seria uma peça-chave na sustentação do racismo estrutural e estruturante que molda a sociedade brasileira nos dias de hoje. A desconcertante ausência do ensino da história e cultura africana e indígena nas escolas é um retrato que evidencia essa situação, foi preciso que o tema virasse lei e seu ensino tivesse se tornado obrigatório, mas ainda assim a ausência continua. Em minha sala de aula percebo a dificuldade em inserir a cultura afro-americana no repertório escolar, mesmo após a promulgação de uma lei obrigando o seu ensino.

Entretanto, a história dos reinos e impérios africanos é tão magnífica quanto a cultura continuamente produzida por seus descendentes no continente americano. É passada



a hora de contarmos aos nossos jovens, uma história que a História parece querer apagar dos livros escolares e salas de aula brasileiras.

1. Os Impérios e Reinos africanos, e a diáspora ampliada de significados

O Brasil estava com quase dois meses de quarentena quando recebi a divulgação do curso "Rios da Guiné de Cabo Verde" durante o mês de julho do ano corrente. Já havia recebido mensagens anteriores para o mesmo curso, embora impossibilidades de agenda houvessem me impedido de fazê-lo. Mas desta vez o curso estava sendo oferecido online, por conta da pandemia do Sars-Cov19, e era uma oportunidade única de driblar minhas limitações de horário habituais. E, realmente, foi muito gratificante enfim me aproximar um pouco de parte da história deste continente tão próximo e distante ao mesmo tempo, e perceber ainda mais amplamente os variados motivos que fazem com que essa história esteja ausente dos currículos escolares. Era a primeira vez que tinha a chance de conhecer um pouco mais da história dos povos da África, seus Reinos e Impérios, e também o pouco mencionado entrelaçamento entre as histórias de África e Europa, que tomam uma outra dimensão quando analisadas pela perspectiva africana.

As cidades povoadas de árabes brancos e mestiços, clãs diversos que eram verdadeiros núcleos familiares, saraculés animistas e negros sudaneses tudo parece saído de um conto fantástico e distante, porém real e próximo também. Assim percebo hoje o Reino de Ghana, cujo chefe recebia a titulação de Maghan. Sua capital, seu centro administrativo, chamava-se Kumbi Saleh e existem relatos de historiadores árabes que por lá estiveram no século XI, que a administração do reino era bastante eficiente em vestir e alimentar a população. Foi também neste período que o reino foi saqueado e parte do seu povo tornou-se os primeiros negros convertidos ao Islamismo pelos Almorávidas.

Minha alma que vem de um lugar chamado pelos europeus como "mundo novo", as Américas, palco do que talvez possa ser considerado como um dos maiores genocídios de população autóctone da história, a da população ameríndia, encontra dificuldades para



compreender o fato de que o Reino de Ghana continuava existindo, embora com restrições especialmente no campo religioso, durante a ocupação almorávida. Tem-se relato de que seus Maghans haviam retirado seus turbantes tradicionais durante o auge dessa colonização, pelo Islão rígido pregado por eles, mas que voltaram a exibi-los assim que a influência do império se arrefeceu. O Império Almorávida é realmente um capítulo especial em minhas descobertas, pois foi esse Império que invadiu a Europa no século XI (HRBEK; DEVISSE, 2010, p. 395-431). Este mesmo Império também islamizou boa parte do continente africano, e esse processo de islamização pode talvez ser considerado como um dos primeiros processos de colonização que o continente africano viria a sofrer no decorrer do tempo.

Se considerarmos o conceito de pensamento colonizador, como sendo aquele que pretende impor ao invés de trocar, os povos cristãos da Europa puderam refinar bastante sua ambição colonizadora posteriormente nas Américas:

Com relação aos africanos, também aprendi na escola várias versões. Uma delas é a de que pelo fato dos índios terem se rebelado contra o trabalho escravo os portugueses resolveram trazer o povo da África, porque esses seriam mais 'dóceis', portanto, mais facilmente 'domesticáveis'. No entanto, os povos africanos, assim como os povos pindorâmicos, também se rebelaram contra o trabalho escravo e possuem as suas diversas autodenominações. Os colonizadores, ao chamá-los apenas de 'negros', estavam utilizando a mesma estratégia usada contra os povos pindorâmicos de quebra da identidade por meio da técnica da domesticação (SANTOS, 2015, p. 16)²

Perceber a herança africana, assim como o entrelaçamento histórico do processo de dominação dos povos europeus durante a ocupação almorávida, com o que mais tarde os europeus vieram a exercer em África, ampliou bastante minha capacidade de compreender períodos históricos que ainda hoje influenciam a minha existência e a do meu povo, de maneira decisiva. Os Almorávidas lograram estender seus domínios até onde o que

² O autor explica o termo pindorâmico como também sendo genérico mas que optou pelo uso como forma de contestação. Pindorama era como os habitantes desta terra a chamavam, antes da chegada dos europeus.



consideramos hoje como sul de Portugal e Espanha, e permaneceram nessas regiões até o século XII, mas durante meus anos escolares, nada disso havia sido ensinado, e a história de África e seus povos começava quase sempre a partir da escravidão nas Américas nas salas de aula que frequentei, e o discurso era exatamente como nos narra Santos na citação acima, meus professores ensinavam que o africano era dócil e o "índio" preguiçoso.

Outro ponto sempre levantado quando se menciona a escravidão dos africanos por povos europeus, afirma que a escravidão já existia na África anteriormente a chegada dos europeus. Esse argumento não analisa como se desenvolviam as tais formas de escravidão doméstica existentes em partes do continente africano.

É sabido que, de todas as formas de escravidão, a escravidão europeia contra africanos foi a mais cruel e extremamente desumana, porque ela se centralizava no trabalho forçado, tortura física e na proibição do desenvolvimento intelectual e cultural dos povos escravizados. Por outro lado, na escravidão euro-ocidental o escravo era uma condição, ao passo que no continente africano, ser escravo era uma categoria social (MONTEIRO, 2015, p. 83)

O desmantelamento do Reino de Ghana, fez surgir o Império do Mali, cujo jovem fundador chamava-se Sudiata Keita, que reinou por 25 anos. Este Estado cresceu a ponto de ser considerado um império. E haviam outros Estados, Impérios e Reinos, como o Império de Kanem-Bornu, o Reino do Djoloff, Reinos Mossi e os chamados Estados da Floresta, as cidades Iorubas do Sudeste do que é hoje a Nigéria. E o Reino de Kaabu, um dos que vê surgir o processo de escravização de pessoas imposto pelos europeus, e que viu seu território ser dividido entre três colonizadores diferentes, portugueses, ingleses e franceses, no que posteriormente viria se tornar Guiné Bissau, Gâmbia e Cassamance.

Dessa forma, ao dividirem territórios, impuseram a convivência, no mesmo espaço geográfico, de grupos étnicos que nunca antes conviveram. Além disso, instituíram leis, costumes e línguas diferentes, adotando a política de assimilação aos povos africanos pautada na conversão identitária, regularizada sob a ótica da ideologia do catolicismo, justificando “civilizar” os africanos (MONTEIRO, 2015, p. 89)



2. Raízes de uma árvore do esquecimento imposto como legado

Como sabemos, a partir do século XVI o continente africano se enfraqueceu bastante com o tráfico de pessoas escravizadas feito pelos europeus, que construíram fortalezas e entrepostos na região costeira africana, priorizando o comércio através do mar, em detrimento das rotas transaarianas que vigoravam até então pelo interior do continente. Este ato histórico, que poderia ser descrito como uma transferência de poder, criou inúmeros desequilíbrios e desigualdades que ainda hoje estão vigentes.

Este processo deu início ao enfraquecimento do continente africano em todos os aspectos: além de se tratar de uma troca desigual que em nada beneficiava o continente em termos econômicos, 'os grandes espaços administrativos historicamente constituídos (os impérios) se fragmentaram e, no seu lugar, surgiu uma miríade de minúsculos reinos em constantes guerras entre si' (MOORE apud MONTEIRO, 2013, p. 85).

Nesta altura do curso, eu me perguntava se alguma outra humanidade ainda será realmente possível, uma "humanidade humana" enfim, que permita que seres possam conviver em maior harmonia e equilíbrio, dando vazão ao amor, pois como bem falou Fannon, "o homem não é apenas possibilidade de recomeço, de negação. Se é verdade que a consciência é atividade transcendental, devemos saber também que essa transcendência é assolada pelo problema do amor e da compreensão" (FANNON, 2008, p. 26).

Muitas lembranças dos meus anos passados em Lisboa me povoavam a mente, especialmente o relacionamento com amigos músicos africanos. Toquei com uma banda da Guiné-Bissau chamada Issabary quando morei em Portugal, e também com um grupo de música tradicional da mesma região chamado Netos do Ngumbe. Realmente, a minha permanência em Lisboa somente foi possível pela ajuda que recebi dessas pessoas, que me acolheram como se eu fizesse parte da família, do clã. Era a primeira vez que saía do Brasil e eu mal podia conter a surpresa em encontrar tantos africanos em Lisboa. Esses que menciono



eram guineenses, mas foram muitas as noites tocando funaná com bandas cabo-verdianas nas casas de show lisboetas, e trabalhei também com músicos angolanos e moçambicanos, e mantemos contato até hoje em dia. Eu ainda nem podia perceber a dimensão real do racismo estrutural em que estávamos todos imersos, embora ouvisse um português ou outro gritar "vá para a tua terra seu preto de merda", e identificasse comportamentos similares em minha própria sociedade que nesta altura parecia estar sendo vista por mim pelo avesso, mas não conhecia as monstruosas estruturas que moldavam o racismo de uma forma crítica. E ainda hoje continuo me esforçando para que além de conhecer, possa colaborar para exterminá-las.

3. A educação musical como agente de transformação do culturalismo

Atualmente na escola em que trabalho, a ausência de boa parte da cultura produzida pelos afro-americanos continua bastante real, e "esse processo de invisibilidade tem sido muito eficiente até aqui, pois mesmo após a lei 10639/03 ter sido sancionada, obrigando a presença da cultura afro-americana e indígena nos currículos escolares, os efeitos surgidos em decorrência dela ainda parecem tímidos (OLIVEIRA, 2019, p. 30). Essa ausência faz parte do culturalismo que Jessé Souza descreve tão bem como sendo a complementação do racismo clássico, que passa então a estruturar a sociedade brasileira:

Como aspecto adicional que contribui para o desajustamento social que se consolida a partir desse período, com efeitos até hoje, há que se lembrar do cerceamento das expressões culturais do negro. Elas passam a ser percebidas como expressão do tosco e do primitivo que a nova autoimagem cidadina europeizante procurava expurgar. A ansiedade pelo progresso, percebido como imitação servil dos modos e das expressões culturais europeias, criava um ambiente de intolerância a qualquer forma de comportamento que pudesse ser compreendida como atrasada e provinciana (SOUZA, 2017, p. 78)

Mas a sala de aula continua a ser o lugar aonde toda transformação se torna possível, e muito embora possamos ainda estar dependentes das muitas iniciativas pessoais de



educadoras e educadores dispostos a transformar toda a sociedade, a efervescência cultural das periferias vem acelerando um processo imprescindível exatamente porque é vital, pois presente o fato de se saber descendente de uma história que recusará sempre a sombra do esquecimento que lhes é imposto.

Dentro da cultura, as margens, embora continuem periféricas, nunca foram um espaço tão produtivo como o são hoje, o que não se dá simplesmente pela abertura dentro da dominante dos espaços que podem ser ocupados pelos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas entidades e do aparecimento de novos sujeitos na cena política e cultural (HALL, 1992, p. 150)

Se as lutas em torno das diferenças irão algum dia encontrar um equilíbrio humano mais justo e inclusivo, permanece como fato perturbadoramente incerto até o presente momento. Tudo o que foi falado na primeira parte deste texto, sobre Reinos e Impérios africanos, ainda é pouco acessível aos jovens que buscam o ensino formal hoje, assim como a cultura produzida por seus descendentes nas Américas continua sendo pouco valorizada, controlada e bastante ausente dos currículos escolares. Mas a cultura pode ter um papel libertador e transformador se lhe for dada a chance.

Acredito que a educação musical pode ter um papel de extrema relevância no objetivo maior de todo ser humano consciente do seu tempo, que é a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, que seja digna do termo humana. A música carrega consigo uma mensagem social importante conforme vimos, e os seres da diáspora continuarão construindo a narrativa de seu futuro através de suas expressões artísticas, de suas crenças e até mesmo de seus corpos (OLIVEIRA, 2019, p. 83)

Desta forma concluo dizendo que há muito para ser explorado no âmbito da educação decolonialista. A ampliação da consciência parece ser a única forma de lidar com as consequências de um sistema cruel de exploração do homem pelo homem que já dura há séculos e que não tem permitido que a humanidade evolua em termos de construção da igualdade. Sonhar com novos horizontes deveria ser urgente para todos os seres e não somente para afrodescendentes, pois disso depende o futuro de todos nós, e é urgente que se



permita narrativas históricas múltiplas, inclusivas e com compromisso e honestidade com os verdadeiros fatos históricos.

Referências:

FANON, FRANTZ. **PELE NEGRA, MÁSCARA BRANCA**, SALVADOR, EDUFBA, 2008.

HALL, STUART. WHAT IS THIS BLACK IN BLACK POPULAR CULTURE. **LUGAR COMUM**. IN: GINA DENT (ORG). SEATTLE, Nº 13-14, p. 147-159, 1992.

HRBEK, IVAN; DEVISSE, JEAN. OS ALMORÁVIDAS. IN: **HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA . III: ÁFRICA DO SÉC. VII AO XI**. BRASÍLIA: UNESCO, 2010, p. 395-431.

MONTEIRO, ARTEMISA ODILA CANDÉ. **GUINÉ-BISSAU: DA LUTA ARMADA À CONSTRUÇÃO DO ESTADO NACIONAL - CONEXÕES ENTRE O DISCURSO DE UNIDADE NACIONAL E DIVERSIDADE ÉTNICA (1959-1994)**. 318F. TESE (DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS). UFBA, SALVADOR, 2013.

OLIVEIRA, MONICA DE. **A MÚSICA ELETRÔNICA DA DIÁSPORA AFRICANA NAS AMÉRICAS E SUA INVISIBILIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR**. 107F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM MÚSICA). UNIRIO, RIO, 2019.

SANTOS, ANTÔNIO BISPO DOS. **COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS: MODOS E SIGNIFICADOS**. INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR E NA PESQUISA (INCTI) UNB: BRASÍLIA, 2015.

SILVA, MAURÍCIO W. CAMILO DA. **MINI-CURSO: HISTÓRIA DOS GRANDES REINOS DE ÁFRICA "ALTA GUINÉ (DE SÉCULO IV A XX)"** 2014 IFCS-UFRJ

SILVA, MAURÍCIO W. CAMILO DA. **SOMBRA DI POLON: O EMBRIÃO DAS MORANÇAS E TABANKAS DA HERANÇA KAABUNKE SALVADOR E SUAS CORES / ARQUITETURA AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO** 2017

SOUZA, JESSÉ. **A ELITE DO ATRASO**. RIO DE JANEIRO: CASA DA PALAVRA, 2017.